

# O conceito de hipótese por jornalistas investigativos brasileiros<sup>1</sup>

## The concept of hypothesis by Brazilian investigative journalists

Criselli Montipó<sup>2</sup>  
Suzana Rozendo Bortoli<sup>3</sup>

**Resumo:** Com foco no jornalismo investigativo, a presente pesquisa busca a definição de hipótese a partir de jornalistas investigativos e de dados. Os procedimentos metodológicos incluem pesquisa bibliográfica e questionário eletrônico. O formulário foi enviado a repórteres que atuam nesta área, no Brasil, principalmente, aos vencedores de Prêmios, como o Tim Lopes de Jornalismo Investigativo e o Esso. As respostas, atreladas ao levantamento bibliográfico sobre o tema, serviram de base para a discussão deste trabalho. Conforme os jornalistas brasileiros que colaboraram com este artigo, pode-se dizer que a hipótese é uma informação que o repórter coloca em xeque diante de determinado fato; uma ideia pré-concebida, que pode surgir a partir do faro jornalístico, antes e durante a apuração de uma matéria ou, até mesmo, a partir de uma declaração da fonte. Ela deve ser adotada com cautela, sob a égide da ética jornalística, e pode indicar caminhos para a apuração.

**Palavras-chave:** Jornalismo Investigativo; Jornalismo de Dados; Hipótese; Práticas Jornalísticas.

**Abstract:** Focusing on investigative journalism, this research seeks to define hypothesis from investigative and data journalists. The methodological procedures include bibliographic research and electronic questionnaire. The form was sent to reporters working in this field in Brazil mainly to Awards winners as Tim Lopes Investigative Journalism and Esso. The answers, linked to the literature on the subject, were the basis for the discussion of this work. According Brazilian journalists who collaborated with this article, it can be said that the hypothesis is information that the reporter into question before certain fact; a preconceived idea, which may arise from the journalistic flair, before and during the investigation of a matter, or even, from a declaration of the source. It should be taken with caution, under the aegis of journalistic ethics, and can indicate ways to ascertainment.

**Keywords:** Investigative Journalism; Data journalism; Hypothesis; Journalistic practices.

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa é um desdobramento aprofundado do artigo *O uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados: uma análise do caso brasileiro*, das autoras, apresentado no II Seminário de Jornalismo Investigativo do Congresso Internacional da Abraji, em 2015.

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); e-mail: criselli@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda do PPGCOM/ECA/Universidade de São Paulo (USP); e-mail: suzanarozendo@usp.br.

## **Apresentação**

O jornalismo é uma profissão multifuncional. Como destacam Anderson; Bell e Shirky, (2013) são papéis do jornalismo expor a corrupção, chamar a atenção para a injustiça, cobrar políticos e empresas por promessas e obrigações assumidas, informar cidadãos e consumidores, ajudar a organizar a opinião pública, explicar temas complexos e esclarecer divergências fundamentais. Sabe-se que o jornalismo investigativo desvenda fatos que, sem o trabalho da imprensa, permaneceriam ocultos de conhecimento público. A exposição de crimes, vantagens e subornos, geralmente, causa revolta popular e pressão para que os problemas sejam solucionados.

Segundo Aguiar (2006), o trabalho dos repórteres investigativos está presente em diversas editorias: política, esporte, economia. Valendo-se de Nilson Lage, o pesquisador acrescenta que é possível entender o jornalismo investigativo “como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres” (AGUIAR, 2006, p.74).

O jornalismo de dados, por sua vez, apoia sua verificação a partir da contextualização de informações dispersas. O’Murchu (2012) destaca que dados são usados para identificar áreas de interesse, fatos que fogem ao padrão ou que são surpreendentes. Neste sentido, eles agem como um norte ou como pistas.

Pode-se afirmar, portanto, que o jornalismo investigativo e de dados é de grande contribuição à manutenção dos direitos dos cidadãos. Como salienta Hunter (2013): “(...) o jornalismo investigativo não é somente ou principalmente um produto, e sim um serviço; e esse serviço está tornando as vidas das pessoas mais fortes e melhores” (HUNTER, 2013, p.10).

Hunter, Sengers e Thordsen (2013) sugerem que para se ter sucesso na empreitada na investigação jornalística é preciso estruturar hipóteses que darão rumos mais claros à apuração. Segundo os autores, o enquadramento de uma investigação como uma hipótese é um procedimento tão antigo quanto à ciência, mas que apenas recentemente o método foi incorporado pelo jornalismo.

Complementarmente, Crucianelli (2012) aponta semelhanças entre a investigação científica e jornalística. Segundo a pesquisadora em ambas delimita-se um tema; realiza-se um diagnóstico prévio; formulam-se hipóteses; realiza-se um trabalho de campo; e chega-se a uma conclusão. Portanto, a máxima da investigação está embasada na checagem e na contextualização de fatos e fenômenos noticiosos. Do mesmo modo, o jornalismo investigativo e de dados atende a tal preceito.

Mas, afinal, qual o sentido da palavra “hipótese” para os repórteres que produzem matérias investigativas? Com foco nessa questão, a presente pesquisa busca a definição de hipótese de acordo com jornalistas investigativos e de dados que atuam no mercado de trabalho brasileiro. O objetivo específico é apresentar uma definição de hipótese a partir da aglutinação das principais ideias dos profissionais que colaboraram com o artigo.

### **Percurso metodológico**

Para dar conta de verificar a compreensão de jornalistas brasileiros sobre o conceito de hipótese e alcançar uma definição do termo no jornalismo, o caminho metodológico incluiu consultas realizadas por meio de questionários eletrônicos com sete repórteres, sendo que seis foram vencedores do *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* ou do *Esso*.

O *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* surgiu em 2004 com o objetivo de fomentar a produção de matérias de cunho investigativo, para, então, reconhecer os desafios de trabalho que os jornalistas tiveram nas reportagens de fatos ocultos e desconhecidos<sup>4</sup>. Trata-se de uma homenagem a Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, conhecido por Tim Lopes, morto em 2002, quando trabalhava para a *Rede Globo*, durante uma reportagem sobre abuso de menores e tráfico de drogas em um baile *funk* da Vila Cruzeiro, na Penha, (Acervo *O Globo*, 2013)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O *Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* é promovido pelo *Disque Denúncia*, por meio do Instituto Movrío e do Instituto Brasileiro de Combate ao Crime (IBCC). Disponível em: <http://www.premiotimlopes.com.br/premiotimlopes/>>. Acesso em: 26 maio 2016.

<sup>5</sup> Tim Lopes ganhou notoriedade devido à produção realizada para quadros do *Fantástico*, reconhecida pelo *Prêmio Esso* em 2001, com a reportagem *A Feira das Drogas*. Neste caso denunciava, a partir de imagens de uma câmera escondida, a venda livre de drogas nas favelas da Grota, da Rocinha e da Mangueira e em ruas da Zona Sul do Rio de Janeiro.

O *Prêmio Esso* – recentemente renomeado para Premio Exxonmobil - foi criado em 1955 pela empresa Esso e já recebeu mais de 30 mil trabalhos em quase 60 anos<sup>6</sup>.

Devido à distância geográfica dos colaboradores da pesquisa, o questionário foi enviado por *e-mail* a esses repórteres para averiguar os seguintes pontos: há quanto tempo o profissional trabalha como jornalista investigativo e em qual região do País; se costuma construir hipóteses para suas reportagens investigativas e por qual motivo; pediu-se um exemplo de hipótese que foi construída para alguma reportagem e perguntou-se se essa mesma hipótese foi modificada ao longo da apuração; e, por fim, solicitou-se que o profissional, usando suas próprias palavras, conceituasse a hipótese no trabalho jornalístico. Os depoimentos foram coletados entre abril e junho de 2016.

Conforme Lakatos e Marconi (2010) questionários são instrumentos para recolher informação, técnicas de investigação compostas por questões apresentadas por escrito às pessoas. As perguntas, que nesta pesquisa foram enviadas por meio de formulário eletrônico, podem ser abertas, quando a resposta emite conceito abrangente, como foi o caso.

As respostas, atreladas ao levantamento bibliográfico sobre o tema, deram sustentação ao trabalho. Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2005) lembra que a pesquisa bibliográfica, constituída por levantamentos, fichamentos e consultas é uma fonte secundária de dados, que fornece o roteiro intelectual percorrido por seu autor.

Deste modo, pesquisa está dividida em três seções: a apresentação do jornalismo investigativo e de dados, em que está presente a ideia do jornalista-detetive, aquele que busca pistas e evidências para contextualizar causas e fenômenos sociais; uma discussão sobre a hipótese e as relações entre jornalismo e ciência; e ao final, o uso e o conceito da hipótese por jornalistas brasileiros.

### **O jornalista-detetive**

O repórter não é detetive policial, mas, dentro da própria ética jornalística, ele tem o dever de investigar (Bucci, 2014), portanto, podemos afirmar que todo jornalista tem um quê

---

<sup>6</sup> Com informações da página eletrônica. Disponível em: <<http://www.premioexxonmobil.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

de detetive em sua atividade profissional. Mas, diferentemente do ofício policial, para que o jornalismo investigativo cumpra sua função social, ou conforme destaca Sequeira (2005), mostre à sociedade as mazelas que a debilitam, são necessários quatro elementos básicos: que o repórter trabalhe num contexto social democrático; que as instituições estatais garantam que as mazelas expostas sejam sanadas; “que as empresas de comunicação, em uma situação econômica estável, independam de instituições públicas e privadas; e, por fim, que o repórter, durante o processo investigativo, trabalhe sob a égide da ética” (SEQUEIRA, 2005, p. 113). Portanto, a preocupação com a veracidade dos fatos e exatidão das informações é imprescindível já que busca causas para compreender problemas e fenômenos sociais. Mais que isso, procura apontar soluções.

O jornalismo investigativo, portanto, tem a função de inquirir sobre as causas e origens dos fatos, buscando também a ligação entre elas, para oferecer a explicação de sua ocorrência. Trata-se de um trabalho diferenciado, em que o método investigativo exige performances específicas, sobretudo o tempo de análise e a necessidade de provas.

Diversos pesquisadores defendem que o jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o fato.

Para Hunter e Hanson (2013), o jornalismo investigativo apresenta inúmeras diferenças com a cobertura habitual, a saber: ele demanda o uso de documentos secretos ou/ divulgados e depende dos materiais reunidos ou gerados pelo próprio repórter, ao passo que a cobertura convencional de notícias depende de materiais fornecidos pelos outros. Os autores destacam que na cobertura convencional de notícias o jornalismo busca criar uma imagem objetiva do mundo como ele é. Já a cobertura investigativa utiliza materiais objetivamente verdadeiros – ou seja, fatos que qualquer observador razoável concordaria que são verdadeiros – visando à meta subjetiva de reformar o mundo. “Ela [a prática investigativa] não é uma licença para mentir por uma boa causa. Ela é uma responsabilidade, para que a verdade seja aprendida de modo que o mundo possa mudar” (HUNTER e HANSON, 2013, p. 8).

A apuração séria e comprometida é fundamental. Para Steve Buttry (2014) uma lição primordial sobre checagem é de que não se deve confiar nem mesmo em testemunhas honestas, pois elas podem mentir maliciosamente; transmitir informações incorretas de forma inocente; ter lembranças imprecisas ou carecer de contexto de compreensão. O autor adverte: “procure documentação” (BUTTRY, 2014, p.15). Vídeos, fotos, cartas, informações em mídias sociais ou documentos recentes ou antigos são elementos que podem oferecer mais detalhes de checagem.

Buttry relembra alguns fatores primordiais de verificação: a habilidade, a persistência e o ceticismo do profissional, o conhecimento, a honestidade e a confiabilidade da fonte e o número e variedade de fontes encontradas para a matéria. Entretanto, o autor recomenda que não é papel do jornalista simplesmente reproduzir o que as fontes dizem, mas, antes de publicar uma notícia, excluir o que não pode ser verificado adequadamente.

Ainda sobre a atividade de verificação das informações, é aconselhável que o jornalista trabalhe sempre em equipe e com especialistas no assunto (Silverman; Tsbuaki, 2014). Em relação aos conteúdos divulgados em mídias sociais, Claire Wardle (2014) acrescenta algumas dicas importantes: o jornalista precisa saber a proveniência do conteúdo (O conteúdo é original?); a fonte (Quem fez o *upload* do conteúdo?); a data (Quando o conteúdo foi criado?) e o local (Onde o conteúdo foi criado?).

Para Toledo (2011), tais técnicas utilizadas para a verificação e para a apuração no trabalho jornalístico integram a chamada Reportagem Assistida por Computador (RAC): um conjunto de ferramentas que busca auxiliar o jornalista em investigações aprofundadas. O método inclui a construção de bancos de dados, a busca avançada na internet, os cálculos complexos com planilhas eletrônicas, o mapeamento e o georreferenciamento para criação de mapas temáticos. Outro termo utilizado para explicar sobre esse método de trabalho é Jornalismo Guiado por Dados (JGD). Conforme Träsel (2014):

O JGD tem por objetivo, justamente, a produção, tratamento e cruzamento de grandes quantidades de dados, de modo a permitir maior eficiência na recuperação de informações, na apuração de reportagens a partir de conjuntos de dados, na circulação em diferentes plataformas (computadores pessoais, *smartphones*, *tablets*), na geração de visualizações e infografias. Principalmente, as técnicas de

JGD permitem ao jornalista encontrar informação com valor noticioso em bases de dados com milhares ou milhões de registros, dificilmente manejáveis sem a ajuda de computadores (TRÄSEL, 2014, p. 292).

É preciso cautela, pois o método pode trazer tanto promessas quanto armadilhas (Meier, 2014). Apesar da enorme quantidade de conteúdo gerado por buscas automatizadas, somente os seres humanos podem organizar e dar sentido a todas essas informações de forma eficiente (Ingram, 2014).

Silveira (2011) complementa ao acrescentar o papel dos entrevistados - fontes de qualidade, para o êxito da investigação jornalística. Segundo o pesquisador, trata-se de um processo de entrecruzamento “na medida em que jornalistas e fontes com responsabilidade social estabelecem uma convergência em favor da sociedade” (SILVEIRA, 2011, p. 56).

Tamanha é a dimensão da desumanização nas redações jornalísticas<sup>7</sup> - com a facilitação do acesso aos dados - que Hunter e Hanson (2013) enfatizam a necessidade de contato às fontes humanas. Inclusive, mapeiam táticas e posturas éticas necessárias para que se conte uma boa história. Ou seja, é possível extrair informações de dados, mas só as pessoas e sua intrincada complexidade atribuem sentidos a eles. Do mesmo modo, a hipótese pode contribuir para a abordagem às fontes corretas, mas se adotada com descuido causará danos irreparáveis à investigação e à reputação do repórter.

### **Hipótese no jornalismo investigativo: conceitos e definições**

Silva (2011) problematizou as diferenciações, aproximações e complicações entre as práticas jornalística e científica. Ao destacar as diferenciações, a pesquisadora evidencia os ritmos temporais, as linguagens, as políticas, entre outros. Sobre as aproximações, sugere os discursos de autoridade que ambos sustentam e a prática social em que estão inseridos.

Tanto a prática do cientista, especialmente o cientista social, como a do jornalista, adotam o trabalho de campo, para coleta de dados empíricos ou apuração de

---

<sup>7</sup> Ijuim (2016) defende que jornalismo humanizado pressupõe um jornalismo em que o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada. Segundo o pesquisador: envolve a consciência do *ser jornalista*. “Na procura da *essência* dos fenômenos, atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” (IJUIM, 2016, p. 9, grifos do autor). O tema é aprofundado pelo autor em entrevista à Suzana Rozendo Bortoli para a Revista Alterjor.

informações. Ambos partem de alguma suspeita, dúvida ou pergunta que funciona como hipótese de investigação; a pauta, a meu ver, é uma forma de raciocínio hipotético que orienta as ações do repórter (SILVA, 2011, p. 114-115) .

Entre as técnicas compartilhadas, a pesquisadora também evidencia a entrevista e a observação. As complicações segundo Silva (2011) seriam as confusões entre campos profissionais, epistêmicos e teóricos.

Meyer (1990), ao refletir sobre o mesmo tema, afirmou que o jornalismo e a ciência têm as mesmas raízes intelectuais. A partir desta ideia, Kovach e Rosenstiel (2004) desenvolveram os princípios intelectuais da ciência da reportagem: “nunca acrescente nada que não exista. Nunca engane o público. Seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos. Confie só no seu próprio trabalho de reportagem. Seja humilde” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 123).

Sobre a hipótese na prática jornalística, Hunter, Sengers e Thordsen (2013), explicam que esta se baseia em um truque mental. “Você cria uma afirmação daquilo que pensa que a realidade é, com base nas melhores informações de que você dispõe, e, então, procura novas informações que possam provar ou refutar a sua afirmação” (2013, p. 18). Mas o uso da hipótese também pode oferecer riscos, conforme os autores: “uma investigação baseada em uma hipótese é uma ferramenta que pode cavar em boa medida da verdade, mas ela também pode cavar uma profunda cova para os inocentes” (HUNTER, SENGENERS, THORDSEN, 2013, p.17). Para Hunter, Sengers e Thordsen (2013) usar a hipótese como cerne do método investigativo significa vantagens em termos de economia de trabalho, pois, uma hipótese aponta um caminho de investigação, aumenta as chances da descoberta de segredos, facilita o gerenciamento do projeto de reportagem e facilita o modo de transmitir a história.

Os autores aconselham que para se ter sucesso, o ideal é estruturar a hipótese, sendo que esta não deve ultrapassar três frases (vinculadas ao passado, ao presente e ao futuro do fato em questão). Entretanto, nem sempre as hipóteses precisam ser criadas pelo repórter. Uma declaração oficial ou uma dica anônima, segundo os autores, podem ser uma hipótese. E se, durante o processo de verificação, os fatos contrariarem a hipótese inicial, os pesquisadores enfatizam a necessidade da criação de uma nova hipótese.



No entanto, é preciso atentar para que o jornalismo investigativo, nesta modalidade, não se transforme um reprodutor de dados oficiais e atenda a interesses. Ou, como Nascimento (2010), destaca: "há uma grande diferença entre descobrir uma irregularidade e descobrir que alguém descobriu uma irregularidade" (NASCIMENTO, 2010, p. 9). Esse é o caso, por exemplo, da cobertura à Operação Lava-Jato, que se ocupa do acompanhamento das investigações em andamento<sup>8</sup>.

No jornalismo investigativo, toda pauta pode ser norteadada por hipóteses, entretanto, as reportagens investigativas que partem da observação dos repórteres (chamadas originais ou interpretativas) são as que mais apresentam o método, conforme pode ser notado na próxima seção, a partir do relato de jornalistas investigativos brasileiros.

### **O uso e o conceito da hipótese por jornalistas brasileiros**

Nesta seção, a voz dos profissionais será apresentada sob a forma de pequenos excertos selecionados a partir dos questionários eletrônicos respondidos pelos colaboradores da pesquisa.

O repórter de *O Globo* Guilherme Amado, 30 anos, foi vencedor do Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo categoria Jornal Impresso (Jornal *Extra*) em 2015 e do Prêmio Esso Regional Sudeste com a série de reportagens *Os embaixadores do Narcosul* publicada em 25 de maio de 2014.

Ele afirma que costuma construir hipóteses para suas reportagens, mas é algo intuitivo, como um ponto de que parte para investigar, que possibilite saber se uma suspeita se confirma ou não. Isso pode ser tanto numa fase preliminar da investigação quanto no fim. Em suas palavras: "hipótese é o ponto de partida de uma apuração, a primeira afirmação que você coloca em xeque, com o propósito de confirmar, negar ou simplesmente avançar rumo a outro patamar numa investigação" (G.A, 2016).

---

<sup>8</sup> A operação Lava Jato, desenvolvida desde 2014 pela Justiça Federal (JF) em conjunto com o Ministério Público Federal (MPF) e o Supremo Tribunal Federal (STF), é uma das maiores investigações brasileiras sobre corrupção e lavagem de dinheiro. Conforme dados do MPF, estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, principal estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. "Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia" (MPF, 2016).

Na investigação para a série de reportagens *Os embaixadores do Narcosul*, sua hipótese inicial era de que as organizações criminosas de tráfico de drogas de Brasil, Bolívia, Peru, Paraguai e Colômbia tinham uma cooperação tal que, juntas, poderiam ser consideradas um bloco, a que decidiu chamar, caso confirmasse na apuração, de Narcosul. No entanto, ao longo do trabalho, o repórter descobriu que a Colômbia não fazia parte desse grupo, pois grande parte das organizações criminosas voltadas para o tráfico de drogas daquele país têm suas operações voltadas muito mais para a América Central e a América do Norte do que para a Europa, usando a América do Sul como rota de passagem — a exemplo de Bolívia, Peru e Paraguai. “Portanto, essa hipótese inicial mudou ao longo da apuração, permitindo que eu provasse que essa integração existe de forma coordenada apenas entre os outros quatro países” (G.A, 2016).

Katia Brembatti, 37 anos, atua no jornal *Gazeta do Povo* e integrou a equipe de jornalistas que venceu o Prêmio Esso 2010 com a série *Diários Secretos*. O trabalho integrado dos repórteres do jornal e da RPC TV (que faz parte do mesmo grupo, o GRPCom) desvendou um esquema criminoso de desvio de dinheiro da Assembleia Legislativa do Paraná que usava funcionários fantasmas, cujas ações eram ilicitamente publicadas por meio de diários oficiais secretos<sup>9</sup>.

Acho hipótese em jornalismo um pouco preocupante. Pode até tornar tudo mais fácil ou servir de rumo para manter o foco, mas estabelece uma tendência para a confirmação. Hipótese, numa explicação simplória, é uma afirmação que pode ser comprovada ou não ao final da pesquisa. É um recurso muito interessante do ponto de vista científico. Vou dar um exemplo: Ao misturar água e óleo em condições normais de temperatura, pressão e agitação das moléculas, um terceiro elemento surgirá da reação entre os dois elementos originais. Eu posso partir dessa hipótese, mas ao final da pesquisa ela não se confirmará. Já no campo das ciências sociais, menos exatas e precisas, mais sujeitas aos fatores "humanos", uma hipótese pode surgir como um norte a ser alcançado a qualquer custo. Perigoso. Para o jornalismo investigativo, ainda prefiro a ideia de ponto de partida, que não pressupõe o "local" de chegada (K.C.B, 2016).

---

<sup>9</sup>A equipe organizou uma base de dados da Assembleia Legislativa de maneira sistemática que possibilitou filtrar e contextualizar informações dos diários oficiais e, assim, descobrir várias irregularidades. A cobertura rendeu o Troféu Tim Lopes/Embratel 2010 de melhor reportagem investigativa, bem como outros diversos reconhecimentos como o Global Shining Light Award 2011 (melhor reportagem investigativa feita em país em desenvolvimento em 2010) e Prêmio Latino-Americano de Jornalismo Investigativo 2011.

Ed Wanderley, 28 anos, foi vencedor do Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo com a reportagem *O mercado da adoção de bebês no Facebook*, na categoria Jornal Impresso, no *Diário de Pernambuco*, em 2014 e, em 2015, na categoria Direitos Humanos, com a reportagem *A Sin City Pernambucana*. O jornalista trabalha no *Diário de Pernambuco* há seis anos e, atualmente, atua como repórter sênior e editor. Ed começou a produzir as primeiras matérias envolvendo investigação em 2010 e afirma que não costuma construir hipóteses para suas reportagens investigativas para não ser levado a tentar provar a ideia inicial: “Por prudência, costumo elaborá-la enquanto pergunta: “Será que...?”” (E.W, 2016).

O repórter cita um exemplo de hipótese que construída para uma de suas reportagens:

Em 2015, produzi uma reportagem chamada “O calendário do crime em Pernambuco”. Em conversa com um bancário, ele falou sobre o esquema de segurança que se fazia entre determinados dias do mês, porque seria quando os assaltos eram mais frequentes. A partir daí, buscamos saber “será que há um padrão de comportamento nos crimes do estado?”. Seleccionamos seis crimes mais comuns para verificar a existência de padrões. Em quatro deles, isso foi verificado. Em outros dois, a tendência era mínima e não sustentava um comportamento padrão. Isso foi exposto na reportagem, que mostrou as épocas do mês e dias da semana mais comuns de determinados dias de crime e como a própria polícia liga esse dado ao comportamento criminoso padrão, segundo a inteligência (E.W, 2016).

Ed Wanderley, utilizando-se de uma metáfora, conceitua a hipótese no trabalho jornalístico:

Gosto de uma metáfora que elucida bem os tipos de investigação possíveis no processo de apuração. Atuamos, de certa forma, como caçadores - e, nesse caso, experiência conta bastante. De um lado, há o conhecimento prévio de que, a partir dos hábitos do que você busca, é possível localizá-lo mais próximo a um rio ou em cima de determinada árvore, de forma que você possa posicionar-se em determinado local esperando a oportunidade. E este é o cenário em que o repórter traça uma hipótese, podendo ou não dar em algo. De outro lado, é a mesma pessoa que, caminhando, observa os traços no habitat, de galhos a possíveis pegadas, e tenta seguir por aí até localizá-lo, usando o conhecimento apenas no princípio de prudência. É quando a apuração é feita passo a passo, sem hipóteses, mas a partir de pistas - pedaços de um quebra-cabeças que é preciso montar (E.W, 2016).

Ele avalia que o uso da hipótese e de outros métodos, tais como câmeras escondidas ou pseudônimos, durante o processo de apuração, deve ser feito com responsabilidade e atenção aos limites éticos da profissão, pois a estratégia pode “servir de facilitador de uma possível distorção da realidade, caso o jornalista não esteja preparado para mudar de direção conforme as descobertas caminhem diferentemente do necessário para sustentar a lógica inicial” (E.W, 2016).

Edvan Lessa, 22 anos, vencedor do Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo 2015, na categoria Internet (reportagem *Tempo Perdido*), pelo *Correio 24h da Bahia* é repórter e assessor *freelancer*. O jornalista adotou o termo investigativo apenas para a reportagem vencedora do Prêmio, mas afirma que costuma criar hipóteses para a maioria das matérias que escreve. A hipótese que utilizou para a reportagem *Tempo Perdido* foi a de que adolescentes eram mais vítimas do que homicidas; “ela se confirmou, ao menos a partir dos dados referentes à Salvador” (E.L, 2016).

Para ele, a hipótese, no jornalismo, é sinônimo de incerteza. Em suas palavras, ela:

Não regula a elaboração da notícia/reportagem - as condições de produção, sim-, mas a orienta. Mesmo que a pauta esteja definida, sob a ideia de que a realidade está bem amarrada, a hipótese pode ou não se sustentar, o que não implica no fracasso do processo e construção da realidade. Como bem versou o poeta Carlos Drummond de Andrade, afinal: "Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor caem, são plumas" (E.L, 2016).

Alexandre Lyrio, de 36 anos, trabalha como jornalista investigativo há dez na região nordeste e, juntamente com Edvan Lessa, foi vencedor do Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo 2015, na categoria Internet, na co-produção da reportagem *Tempo Perdido*. Ele costuma construir hipóteses para suas reportagens investigativas em alguns casos.

Acho que a hipótese aparece mais no jornalismo que envolve números. A partir de uma hipótese, buscamos saber se ela se sustenta ou não nos números. Claro, histórias humanas ou denúncias que demandam um trabalho investigativo muitas vezes sugerem uma hipótese. E aí vamos até o fim para tentar prová-la ou não (A.L, 2016).

O jornalista cita um exemplo de hipótese que construiu para a reportagem vencedora do Prêmio:

(...) partimos da história do jovem Railan, de 17 anos. Railan foi morto enquanto tentava roubar a moto de um policial. Era o primeiro assalto de sua vida. Apesar da família estruturada, do acesso à escola e de não ter sofrido influência do tráfico de drogas, Railan, por algum motivo, resolveu cometer um assalto. Partimos da hipótese de que esses casos são raros e resolvemos investigar outros casos semelhantes de jovens que cometem o primeiro ato infracional. Descobrimos um mundo. A hipótese inicial não foi modificada, mas ampliada. Não nos restringimos mais a procurar outros Railans, mas, com as histórias que tivemos acesso, passamos a identificar o que leva os jovens de maneira geral a entrar para o mundo do crime. Foi aí que descobrimos que, na verdade, poucos jovens cometem crimes. (...) Descobrimos também que a porcentagem dos jovens que está detida nas casas de acolhimento é ínfima perto da população carcerária. Entre os que cometem atos infracionais, mais de 80% não passou da 5ª Série e não tem pai. Ou seja, no final das contas, não só os Railans cometem poucos crimes, mas os jovens de maneira geral. A hipótese se ampliou (A.L, 2016).

Para ele, o conceito de hipótese no trabalho jornalístico é uma ideia pré-concebida pelo repórter que se confirma ou não no decorrer da apuração. “Muitas vezes, essa ideia simplesmente não se confirma e perde força. Mas, em alguns casos ele ganha ainda mais peso e, o que era uma hipótese como outra qualquer, torna-se algo surpreendente” (A.L, 2016).

Filipe Coutinho, 29 anos, repórter da sucursal de Brasília da Revista *Época*, destaca que a hipótese serve como orientação por qual caminho percorrer na apuração. Segundo ele, o método possibilita delinear as perguntas a serem respondidas e, com isso, mapear as fontes e documentos que podem confirmar essa hipótese. Coutinho dá um exemplo: “A hipótese de que o deputado a ser nomeado ministro não era um bom gestor. A partir disso, apura-se como gastava sua verba de gabinete e procura-se exemplos de bom ou mau uso desse dinheiro” (F.C, 2016). Sua definição é de que:

Hipótese é o melhor caminho para quando se quer levantar uma história, mas não há um ponto já definido. Nesses casos, levantam-se hipóteses que tenham relevância jornalística e qual a viabilidade para apuração. A hipótese é sobretudo relevante para os casos em que não há uma dica de alguma fonte. Quando há dica, a apuração destina-se a confirmar essa dica (F.C, 2016).

Coutinho ressalta que muitas vezes, numa apuração, a hipótese é tratada intuitivamente, sem método. Para casos grandes, contudo, a organização para elencar as hipóteses é imprescindível.

O repórter integrou a equipe que produziu a série de reportagens *O jogo suspeito e a queda de Ricardo Teixeira*, publicada na Folha de S. Paulo, que venceu o Prêmio Esso de 2012 e o Prêmio Embratel 2013. A série evidenciou que o dirigente combinou interesses particulares com os da CBF, fato apontado como motivo de seu afastamento.

Thiago de Araújo, repórter sênior de Política no *HuffPost Brasil*, tem outra ideia sobre o conceito de hipótese:

A hipótese está muito ligada ao 'faro', dica ou suspeita do jornalista acerca de dados, declarações ou 'offs' repassados ao longo de apurações ou entrevistas. Creio que as hipóteses que surgem diariamente, no contato com fontes e documentos, nos faz pontuar sobre possibilidades que estejam 'fora do radar'. Ou seja, algum recorte que o jornalista acredite que ninguém tenha se atentado a respeito. Acho que é daqui que partimos para uma ou mais hipóteses, o que dá início à apuração, que posteriormente vai confirmar ou derrubar tal hipótese. A hipótese, como o próprio termo configura, é algo mutável, que demanda observação, investigação e interpretação. Como elo importante no processo investigativo, o jornalista deve se ater ao que conclui não por convicções que eventualmente tenha pré-concebido, mas sim ao que os dados, entrevistas e documentos lhe mostrem durante o processo de apuração (T.A, 2016).

A partir das falas dos jornalistas brasileiros que colaboraram com este artigo, pode-se dizer que a hipótese é uma informação que o repórter coloca em xeque diante de determinado fato; uma ideia pré-concebida, que pode surgir a partir do faro jornalístico, antes e durante a apuração de uma matéria ou, até mesmo, a partir de uma declaração da fonte.

Os repórteres adotaram alguns termos mais frequentes para definição de hipótese no jornalismo investigativo e de dados, tais como: ponto de partida, caminho, orientação, dica, pista. Todos os entrevistados demonstraram grande preocupação ética que deve balizar o uso de tal método, visto que jamais pode-se desconsiderar evidências a fim de confirmar a hipótese. Ela deve ser refutada e reelaborada sempre que necessário para garantir a qualidade da apuração. Somente assim jornalistas produzirão reportagens investigativas comprometidas com o interesse público.

## Considerações finais

Pesquisadores do jornalismo e repórteres têm se dedicado a problematizar o uso e o conceito de hipóteses na investigação jornalística. O tema é delicado e alguma medida polêmica, já que possibilita a discussão por caminhos distintos. Há críticas ao método devido ao erro que se pode incorrer por excesso de racionalidade, do mesmo modo que é preciso atentar à subjetividade implícita no uso da metodologia.

Com foco na definição de hipótese a partir de jornalistas investigativos e de dados esta pesquisa consultou repórteres que atuam nesta área, no Brasil. Ao dar voz, principalmente, aos vencedores de Prêmios como *Tim Lopes de Jornalismo Investigativo* e *Esso*, pode-se dizer, a partir da compreensão dos profissionais que colaboraram com esta pesquisa, que a hipótese é uma informação que o repórter coloca em xeque diante de determinado fato, fenômeno ou circunstância. Também pode ser uma ideia pré-concebida, que surge a partir do faro jornalístico, antes e durante a apuração de uma matéria ou a partir dos entrevistados.

A hipótese não é uma afirmação estática e certa. Ao contrário, ela deve ser pensada como algo mutável e incerto, que pode ser completamente alterado ou sofrer ampliação a partir da concepção inicial do jornalista. Ela pode ser associada a uma peça de quebra-cabeça, que nem sempre se encaixa exatamente onde se pensou.

De todo modo, a hipótese precisa ser comprovada ou refutada durante o processo de verificação das informações. O uso da hipótese apresenta inúmeras vantagens, mas não deve ser um norte a ser alcançado a qualquer custo, pois isso pode acarretar uma tendência para a confirmação e o repórter corre o risco de provar sua ideia inicial, distorcendo, assim, a realidade dos fatos. Ela deve ser adotada com cautela, sob a égide da ética jornalística. Somente assim pode indicar caminhos para a apuração. Como brinca Buttry (2014), destacando uma hipótese cotidiana: se sua mãe diz que o ama, você pode investigar a veracidade da informação entrevistando os amigos e familiares, comprovando esse amor por meio de fotos, vídeos, cartas, declarações no *Facebook*. “Documente os presentes e ações que mostram seu amor. E então faça a mesma coisa em todas as reportagens, todos os

acontecimentos e todos os projetos” (BUTTRY, 2014, p.17). Ou seja, com ou sem hipóteses, a verificação atenta é a principal etapa para se produzir boas reportagens.

## Referências

ACERVO *O GLOBO*. **Tim Lopes é torturado e assassinado por traficantes na Vila Cruzeiro**: Jornalista fazia reportagem sobre abuso de menores e comércio de drogas. 2013. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/tim-lopes-torturado-assassinado-por-trafficantes-na-vila-cruzeiro-8903694>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

AGUIAR, Leonel. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias Leonel Azevedo de Aguiar. In: **Alceu**. V.7, n.13, jul-dez, 2006. Disponível em:<[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n13\\_Aguiar.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2016.

AMADO, Guilherme. Entrevista concedida por e-mail (guiamado@gmail.com) às autoras. [8 jun.], 2016.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, pp.30-89.

ARAÚJO, Thiago de. Entrevista concedida por e-mail (thiagodearaujosp@gmail.com) às autoras. [15 abril], 2016.

BREMBATTI, Katia. Entrevista concedida por e-mail ([katiab@gazetadopovo.com.br](mailto:katiab@gazetadopovo.com.br)) às autoras. [9 abril], 2016.

BUCCI, Eugenio. **O repórter, o detetive e a presidente**. Disponível em:<<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eugenio-bucci/>>. Acesso em: 4 jun.2016.

BUTTRY, Steve. O básico da verificação: regras para seguir. In: SILVERMAN, Craig (Ed.). **Manual de verificação**. Trad. Paradox Zero. Ed: European Journalism Centre; Emergency Journalism, 2014. Disponível em: <<http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>>. Acesso em 26 maio 2016. p.15-18.

COUTINHO, Filipe. Entrevista concedida por e-mail (filipethadeu@gmail.com) às autoras. [6 jun.], 2016.

CRUCIANELLI, Sandra. Técnicas de la investigación social: el método científico aplicado a la investigación periodística. In: CRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (orgs). **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012.

HUNTER, Mark Lee; SENGERS, Luuk; THORSEN, Pia. O uso de hipóteses: O cerne do método investigativo. In: HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias**: um manual para jornalistas investigativos. Montevideo: Unesco, 2013.



HUNTER, Mark Lee; HANSON, Nilson. O que é o jornalismo investigativo? In: HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**, 2013. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016. p.8-15.

HUNTER, Mark Lee; HANSON, Nilson. Fontes humanas. In: HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**, 2013. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2016. p.37-51.

IJUI, Jorge Kanehide. Sobre o jornalismo humanizado – Entrevista à Suzana Rozendo Bortoli. In: **Revista Alterjor** - Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA/USP). Ano 7 – Volume 1. Edição 13. Janeiro-Junho de 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

INGRAM, Mathew. Colocando as multidões para trabalhar. In: SILVERMAN, Craig (Ed.). **Manual de verificação**. Trad. Paradox Zero. Ed: European Journalism Centre; Emergency Journalism, 2014. Disponível em: < <http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>>. Acesso em 26 maio 2016. p.81-86.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LESSA, Edvan. Entrevista concedida por e-mail (lessaedvan@gmail.com) às autoras. [26 maio], 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LYRIO, Alexandre. Entrevista concedida por e-mail (alexandrelyrio@gmail.com) às autoras. [1 jun.], 2016.

MEIER, Patrick. Adicionando a multidão digital à multidão humana. In: SILVERMAN, Craig (Ed.). **Manual de verificação**. Trad. Paradox Zero. Ed: European Journalism Centre; Emergency Journalism, 2014. Disponível em: <<http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>>. Acesso em 26 maio 2016. p.89-93

MEYER, Philip. **The New Precision Journalism**. The University of North Carolina at Chapel Hill, 1990. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~pmeyer/book/Chapter1.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

MPF - Ministério Público Federal. **Caso Lava Jato**. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>. Acesso em: 13 jun. 2016. In: MPF, 2016.



Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo  
Universidade Anhembi-Morumbi, 23 a 25 de junho de 2016

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas** - O fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

O'MURCHU, Cynthia. Por que o Jornalismo de Dados é importante? In: BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy; e GRAY Jonathan (orgs). **Manual de Jornalismo de Dados 1.0**. Brasil: EJC e Abraji, 2012.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Gislene. Diferenciações, aproximações e complicações entre a prática jornalística e a prática científica. IN: CHISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (orgs.) **Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica**: Fronteiras. Florianópolis: Insular, 2011.

SILVEIRA, Mauro César. Uma aliança vital. IN: CHISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (orgs.) **Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica**: Fronteiras. Florianópolis: Insular, 2011.

TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 291-304, maio 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n1p291/27193>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

WANDERLEY, Ed. Entrevista concedida por e-mail (edwanderley1@gmail.com) às autoras. [25 maio], 2016.

WARDLE, Claire. Verificando conteúdo gerado por usuário. In: SILVERMAN, Craig (Ed.). **Manual de verificação**. Trad. Paradox Zero. Ed: European Journalism Centre; Emergency Journalism, 2014. Disponível em: <<http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>>. Acesso em 26 maio 2016. p. 25-32.